

PIONEIRAS EM TRANSMISSÕES RADIOFÔNICAS DE JOGOS DE FUTEBOL NO BRASIL: APONTAMENTOS HISTÓRICOS SOBRE A EXPERIÊNCIA DA "RÁDIO MULHER" NA DÉCADA DE 1970

PIONEERS IN RADIO TRANSMISSIONS OF FOOTBALL GAMES IN BRAZIL: HISTORICAL NOTES ABOUT THE EXPERIENCE OF "RADIO MULHER" IN THE 1970'S

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro ¹

Resumo

No início da década de 1970, a *Rádio Mulher*, estabelecida em São Paulo (Brasil), realizou transmissões esportivas, principalmente de futebol, com uma equipe formada exclusivamente por mulheres. Com a intenção de ampliar o conhecimento a respeito dessa experiência e contribuir para o fortalecimento da literatura sobre a participação feminina na história do radiojornalismo esportivo, elabora-se pesquisa bibliográfica e documental a partir de registros discursivos das profissionais que atuaram na cobertura de jogos de futebol pela emissora à época. No material analisado, identifica-se a presença recorrente do machismo institucionalizado e da forma velada do preconceito. Também é possível enumerar algumas das estratégias de preparação e abordagens que as profissionais usavam durante as transmissões.

Palavras-chave

transmissões de futebol; mulheres; radiojornalismo esportivo; *Rádio Mulher*.

Abstract

At first half of the 1970s, *Rádio Mulher*, established in São Paulo (Brazil), made sports broadcasts, mainly of soccer, with a team formed exclusively by women. With the intention of expanding knowledge on the subject and contributing to the strengthening of the literature on female participation in the history of sports radio journalism, bibliographic and documentary research is carried out based on discursive records of professionals who worked in the coverage of soccer games by the station. It is identified in the analyzed material: the recurring presence of institutionalized and also veiled prejudice. It is also possible to enumerate some of the forms of preparation and approaches they used for and during the broadcasts.

Keywords

soccer broadcasts; woman; brazilian radio journalism; sports journalism; *Rádio Mulher*.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), raphaelaferro@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0001-5887-0939>, <http://lattes.cnpq.br/7476602574162559>.

Introdução

Durante a primeira metade da década de 1970, era possível acompanhar, no Brasil, especificamente em São Paulo, transmissões de jogos de futebol em que as vozes ouvidas eram exclusivamente de mulheres. A equipe da *Rádio Mulher* (à época, 930 AM) estreou em 15 de junho de 1971. A emissora encerrou suas atividades em 1976, mas muitas mulheres saíram antes, com o crescente aumento da participação masculina nas jornadas esportivas. “Desmotivadas pelo preconceito, nenhuma delas vingou na imprensa esportiva daquela época. A maioria simplesmente desistiu da profissão, porque depois de cinco anos a *Rádio Mulher* achou que estavam faltando homens na equipe” (Ribeiro, 2007, p. 221).

De acordo com Ediane Mattos e Valci Zuculoto (2017), a equipe feminina das transmissões esportivas contava com Zuleide Ranieri e Claudete Troiano como narradoras; Leilah Silveira como comentarista; Germana Garilli e Jurema Iara como repórteres (função em que também se revezavam Zuleide e Claudete); e Lilian Loy como plantonista. André Ribeiro (2007) também cita a participação da árbitra Lea Campos como comentarista de arbitragem; de Branca Amaral na reportagem; além de Siomara Nagi e Terezinha Ribeiro no plantão feito da sede da emissora. “Até o transporte da equipe era feito por uma mulher, Tereza Leme. Na parte técnica, a sonoplastia ficava por conta de Regina Helô Aparecida” (Ribeiro, 2007, p. 221).

Apesar do pioneirismo, da relevância histórica e da especificidade de uma equipe de mulheres atuando profissionalmente em transmissões de competições de futebol no rádio brasileiro em um período de política ditatorial no Brasil e em que o futebol feminino, por exemplo, era proibido por lei (Bonfim, 2019), há pouca bibliografia a respeito. Em pesquisa pelo termo “Rádio Mulher” nos portais de teses e dissertações e de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), não há nenhuma ocorrência especificamente sobre a emissora, assim como suas transmissões esportivas, entre os resultados. A partir de busca pelo mesmo termo no site *Google Scholar*, é possível encontrar referências a ela, isto é, trabalhos acadêmicos em que a rádio é citada, principalmente indicando as transmissões de futebol, mas sem o desenvolvimento de conteúdo e discussão a respeito da história e das práticas adotadas à época.

Em geral, artigos, teses e dissertações indicam que houve, na década de 1970, em São Paulo, uma rádio em que a maioria das profissionais eram mulheres: a *Rádio Mulher*. O principal exemplo está no livro de Gisela Ortriwano (1985), ainda atualmente referenciado em estudos acadêmicos. “Em 12 de maio de 1969 é criada a Rádio Mulher, de São Paulo, a primeira emissora brasileira a se especializar exclusivamente em assuntos femininos, fundamentada em moldes norte-americanos e europeus” (Ortriwano, 1985, p. 24).

Também é comum que pesquisadoras e pesquisadores citem a existência da emissora de forma pontual em investigações acerca de jornalismo esportivo, narração esportiva e elaborações sobre temáticas que relacionam esses temas a gênero (Scott,

2019). É o que ocorre, por exemplo, nas teses de Márcio Guerra (2006), Noemi Bueno (2018) e Ciro Götz (2022) e nas dissertações de Ediane Mattos (2019) e Érika Araújo (2021). As pesquisas não abordam conteúdos, discussões e registros referentes a essas transmissões, entre outros fatores, pela ausência de arquivos sonoros das mesmas.

Visando a ampliar o conhecimento a respeito e contribuir para o fortalecimento da bibliografia sobre a participação de mulheres na história do radiojornalismo esportivo, desenvolveu-se esta pesquisa. Com base nos nomes indicados por Mattos e Zuculoto (2017) e Ribeiro (2007), procurou-se documentos – depoimentos, entrevistas e matérias de caráter jornalístico – em que é possível identificar discursos das mulheres que fizeram parte da equipe esportiva da *Rádio Mulher* na década de 1970. Para a busca digital por recortes e conteúdos com falas dessas mulheres a respeito do período em que atuaram nas transmissões esportivas da *Rádio Mulher*, foi utilizada a ferramenta comum de pesquisa do *Google* e as específicas dos acervos dos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* – que apareceram na primeira pesquisa.

Com base nesse material levantado, foram desenvolvidas pesquisa bibliográfica e análise documental, como método e como técnica (Moreira, 2017) e também segundo os direcionamentos de André Cellard (2008), com o intuito de compreender as especificidades das transmissões feitas por mulheres e ampliar a percepção sobre a realidade profissional que elas viviam no rádio esportivo naquele período. Em todos os materiais relacionados, buscou-se percepções das profissionais no tocante à realidade que vivenciaram enquanto pioneiras do radiojornalismo esportivo em transmissões de competições de futebol. Além disso, atentou-se para a ocorrência de elementos que contribuam para a ampliação do conhecimento a respeito da história da *Rádio Mulher* e especificamente sobre as transmissões esportivas realizadas exclusivamente com profissionais mulheres.

A pesquisa se justifica pela necessidade de melhor elaboração do registro da presença das mulheres no relato histórico das diferentes áreas, inclusive no rádio brasileiro (Betti; Zuculoto, 2021), e também pelas implicações presentes na relação entre gênero e futebol. Como explica Simoni Guedes (2020), ainda hoje, as mulheres não integram o grupo daqueles que têm autorização discursiva quando o assunto é futebol. “Falar sobre futebol com propriedade seria uma prerrogativa masculina pois, em princípio, na concepção mais difundida por aqui, trata-se de um saber que decorre de uma prática, até muito recentemente, interdita às mulheres” (Guedes, 2020, p. 18).

Por isso, entre os objetivos, nesta investigação, também se visa à contribuição para a discussão sobre gênero no jornalismo esportivo. Como analisam Maria Thereza Souza e André Capraro (2020), apesar de serem maioria na imprensa nacional, as mulheres ainda têm baixa representatividade no ambiente esportivo e futebolístico, em que convivem com o fato de não serem identificadas como sujeitos autorizados para tal (Ferro, 2022). Destaca-se, ainda, a maior resistência do rádio à atuação profissional de mulheres (Rocha; Sousa, 2011) e a excepcionalidade da narração feminina. Não há registro exato de quantas vozes femininas já foram ouvidas narrando jogos de futebol em emissoras de rádio no Brasil.

Como consideram Juliana Betti e Valci Zuculoto (2021, p. 3), “a não regularidade e a inexistência de estudos mais abrangentes sobre as profissionais femininas e suas contribuições para desenvolvimento histórico do rádio brasileiro vêm acarretando um processo de exclusão e apagamento”. De acordo com as autoras, a ausência do relato consolida uma ausência da própria história (Betti; Zuculoto, 2021), fortalecendo um contexto geral de memoricídio feminino. Constância Duarte (2022) relaciona o termo à negação da participação das mulheres ao longo da história, o que é perceptível tanto na história do rádio como na do futebol.

Rádio Mulher

Primeira emissora a se especializar em assuntos considerados femininos, a *Rádio Mulher* tinha sua programação voltada principalmente para moda, horóscopo, música romântica e consultórios (Ortriwano, 1985). No anúncio publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 11 de maio de 1969, sobre a estreia da emissora, que seria no dia seguinte, o convite era direcionado às mulheres, com a promessa de que a rádio ofereceria músicas, programetes e informações sobre “moda, culinária, criança, compras, sorrisos”, além de “toda a arte e a graça feminina” (O Estado de São Paulo, 1969).

Em blog pessoal em que divulga pesquisas históricas, o jornalista Geraldo Nunes (2021) apresenta a história da rádio informando que ela chegou a ter 136 funcionários, sendo 132 mulheres que atuavam desde a produção e apresentação até a direção geral, em São Paulo, na rua Granja Julieta, em Santo Amaro.

A informação quantitativa está presente em matéria do jornal *O Estado de São Paulo* da década de 1970 (Rádio..., 1974). O presidente do Centro das Tradições de Santo Amaro (Cetrasa), José Carlos Bruno (2021), registra na página do museu no *Facebook*, referenciando, além da própria memória, o *Jornal de Santo Amaro*, que a programação da rádio, inicialmente, era prioritariamente musical, com destaque para a veiculação de músicas brasileiras, com programas de cinco minutos em que constavam depoimentos de especialistas sobre temas como decoração, psicologia, moda e saúde.

“Foram sendo introduzidos programas diários, como o programa Hebe Camargo, e, alguns com até 03 (três) horas de duração, sempre com o objetivo de falar com a mulher e não só falar para as mulheres, ouvindo, orientando e aconselhando sobre os mais diferentes problemas” (Bruno, 2021). A propaganda impressa da emissora anunciava que estava entre suas funções: informar, prestar serviços, esclarecer, aconselhar e que as músicas tocadas seriam as que “elas” pedem, gostam e querem ouvir (Nunes, 2021). Em outro material publicitário (Bastos, 2020), há a indicação de que os programas informativos de cinco minutos eram veiculados a cada meia-hora de programação musical, entre 7 horas e 19 horas.

A emissora também foi a primeira na qual as mulheres começaram a trabalhar no radiojornalismo esportivo no *Estado de São Paulo*, segundo Ediane Mattos e Valci Zuculoto (2017). Até o início dos anos 1970, como escreve Paulo Vinicius Coelho (2008, p. 34), “era quase impossível ver mulheres no esporte” em redações jornalísticas. Jus-

tamente nessa época, a *Rádio Mulher* começou suas transmissões de jogos de futebol com uma equipe exclusivamente feminina na cobertura esportiva. A decisão partiu do proprietário da emissora, Roberto Montoro (Ribeiro, 2007), que, como conta Zuleide Ranieri (Brocanelli, 2015), teve a concordância de seu sócio e irmão, Antonio Montoro.

As mulheres tiveram uma participação significativa desde os primeiros anos do rádio paulista. No entanto, foi somente em meados dos anos 1970 que elas começaram a trabalhar no radiojornalismo esportivo no estado. A Rádio Mulher foi a primeira a ter uma equipe exclusivamente feminina nos esportes, transmitindo também futebol. Todas as funções eram exercidas por mulheres, desde as administrativas, como chefe de reportagem, discotecaria, motorista do carro de reportagem, técnica de som, entre outras. Claudete Troiano e Zuleide Ranieri revezavam as funções de narradora da partida e repórter de campo, os comentários ficavam a cargo de Leilah Silveira, as reportagens eram responsabilidade de Germana Garili e Jurema Iara, e Lilian Loy era a plantonista da equipe. A iniciativa recebeu algumas críticas, em razão do preconceito existente no ambiente, até então de hegemonia masculina, de que mulher não entende de futebol. (Mattos; Zuculoto, 2017, p. 7-8).

As autoras relatam que a iniciativa das transmissões com mulheres gerou muita desconfiança em relação ao sucesso da equipe no trabalho de cobertura nos estádios, mas houve aumento da audiência e retorno financeiro por meio de venda de espaços publicitários (Mattos; Zuculoto, 2017). André Ribeiro (2007) considera que a proposta era inovadora e que havia machismo perceptível por parte dos homens da imprensa esportiva da época. “Durante cinco anos essa turma conseguiu manter-se, apesar do preconceito dos homens – jogadores e jornalistas – dentro e fora dos gramados” (Ribeiro, 2007, p. 221). Contudo, segundo o autor, o que teria sido determinante para que Roberto Montoro desistisse do projeto foram os baixos índices de audiência.

De acordo com o Centro de Referência do Futebol Brasileiro (2020), Montoro buscou maior adesão do público convidando homens para a equipe das transmissões de futebol, ou seja, como definiu Zuleide Ranieri, casando a rádio. Na edição do dia 30 de outubro de 1973 do jornal *Folha de São Paulo*, há, inclusive, uma referência a um casamento da emissora em nota curta: “Roberto Montoro envia-nos o gentil convite para o casamento da Rádio Mulher [...], esquece-se de revelar o nome do noivo (talvez um lapso de pai ciumento). Obrigado a casá-la por motivos de lobo, achará Montoro que seu futuro genro não está a altura de sua diletta filha” (Recado..., 1973).

Dois anos depois, em conteúdo especial relacionado ao Ano Internacional da Mulher, o mesmo veículo apresentou um depoimento de uma mulher que trabalhou na rádio sobre a dificuldade da manutenção de equipe exclusivamente feminina:

Depoimento importante foi o de Aurora Portela, contando a experiência de 3 anos da Rádio Mulher, ex-Rádio Santo Amaro. “No início, queríamos fazer uma rádio de e para mulheres, mas não conseguimos obter profissionais em número e qualidade suficiente para isso. Das 7 operadoras de som com que a equipe teve início, por exemplo, só permane-

ceu na função uma delas. A persistência e a constância são ingredientes necessários ao trabalho no rádio (seja 'masculino', seja 'feminino') e em geral, mulheres fogem a isso", comentou Aurora. (A Comunicação..., 1975, p. 35).

Por causa da reformulação do dial em São Paulo, em 1974, a *Rádio Mulher* foi transferida dos 930 AM para a frequência 1260 AM, o que contribuiu para a queda de audiência e também teria afetado a equipe esportiva (Nunes, 2021). À época, muitas das mulheres aqui citadas já não estavam mais na emissora. Nos anos seguintes, o número de vozes femininas nos microfones da emissora foi sendo reduzido. Em reportagem da *BBC Brasil*, Naian Lopes (2023) afirma que o jogador Pelé (Edson Arantes do Nascimento) cogitou levar o projeto das transmissões com mulheres para a *Rádio Clube de Santos*, o que não chegou a ser efetivado. Ainda assim, o grupo consagrou a mineira, nascida em Fortaleza de Minas, Zuleide Ranieri, que faleceu em 2016 (Micheletti, [2017?]), como narradora pioneira em transmissão esportiva no Brasil e, segundo Götz (2020), como uma das primeiras na função em âmbito mundial².

A permanência dessas mulheres por alguns anos no meio esportivo também contribuiu para que, em 1974, fosse criada uma lei que permitisse que as jornalistas entrassem nos vestiários masculinos (e homens nos femininos) para obter declarações pós-jogo (Guerra, 2006) – Claudete Troiano afirma que a equipe da *Rádio Mulher* não chegou a ter essa oportunidade (RedeTV, 2020). De acordo com Josué Belarmino e Julia Medeiros (2018, p. 143), o pioneirismo feminino empreendido por Zuleide Ranieri e Lea Campos – comentarista na *Rádio Mulher* e a primeira mulher do mundo a arbitrar partidas de futebol – “serviu de exemplo e inspiração a outras mulheres posteriormente”. André Ribeiro (2007) faz referência a um depoimento de Zuleide Ranieri, que não está mais disponível no site indicado em sua obra, sobre a experiência:

“Apesar de alguns companheiros terem incentivado o projeto, a maioria ficava atenta aos possíveis erros cometidos durante as transmissões e criticavam o fato de terem que dividir o mesmo local de trabalho conosco. [...] Tínhamos uma relação muito boa com os jogadores, e em alguns casos até tínhamos vantagem. Em um jogo, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, em um ato de cavalheirismo disse: “Dou entrevistas sim, mas as mulheres primeiro”, lembra Zuleide. (Ribeiro, 2007, p. 221).

Conforme essa pesquisa inicial do que já foi escrito e falado sobre a *Rádio Mulher* e suas transmissões esportivas, há a presença de marcas do preconceito sofrido pelas profissionais. Em alguns casos, como na declaração da narradora pioneira citada por Ribeiro (2007) ou em referências aos comentários elaborados pelas mulheres nas transmissões sobre os atributos físicos dos jogadores e a vestimenta das equipes (Zuculoto; Mattos, 2017), detalhes da experiência vivida são apontados de forma positiva, apesar de fazerem parte de uma estrutura discursiva que remete ao machismo.

2 A narradora Zuleide Ranieri afirma ter feito sua estreia em um jogo entre seleções internacionais em 1972 (Lima, 2022). Entretanto, “segundo o Centro de Referência do Futebol Brasileiro (2020), a primeira transmissão de futebol da Rádio Mulher ocorreu em 15 de junho de 1971, com a cobertura de um amistoso entre Palmeiras e Portuguesa de Desportos, no Palestra Itália, com narração da própria Zuleide Ranieri” (Ferro; Zuculoto, 2023).

O próprio bordão utilizado pelas locutoras à época – “uma mulher a mais no estádio, um palavrão a menos” – demarcava um ideal de feminilidade (Bueno, 2018), remetendo a características sociais que eram aceitas para mulheres. Também tendo efeito de sentido de justificação, como se fosse necessário um motivo para a permissão à presença delas em estádios e na mídia esportiva.

Elas dizem

A partir de pesquisa digital feita por meio do uso, como palavras-chave, dos nomes das mulheres que compuseram as transmissões de jogos de futebol na *Rádio Mulher* na década de 1970, indicados por Ediane Mattos e Valci Zuculoto (2017) e André Ribeiro (2007), foram identificados dois trabalhos acadêmicos em que constam entrevistas com alguma delas: “Mulheres jornalistas no mercado de trabalho: a luta pela igualdade de gênero ainda não acabou” (Cardoso, 2017) e “Vivências de mulheres no futebol brasileiro entre as décadas de 1960 e 1990” (Santos, 2019). Além desses, também foram considerados para a análise, que ainda está em desenvolvimento e faz parte de uma pesquisa maior sobre a narração de transmissões esportivas por mulheres no Brasil, onze documentos digitais em que foram identificadas entrevistas com algumas das profissionais da equipe esportiva da Rádio Mulher ou conteúdos relevantes sobre elas.

São eles: 1) matéria publicada na edição de 4 de julho de 1971 do jornal *Folha de São Paulo*, sob o título “As mulheres em campo, transmitindo jogo” (Lima, 1971); 2) matéria publicada na edição de 29 de outubro de 1971 da revista *Placar*, sob o título “Para quem quer gols numa voz macia: Rádio Mulher” (Franco, 1971); 3) matéria publicada na edição de 17 de novembro de 1986 da revista *Placar*, sob o título “A voz das mulheres deixou o estádio” (Ribeiro, 1986); 4) matéria publicada na edição de 28 de novembro de 1991 do jornal *O Estado de São Paulo*, sob o título “Claudete, uma pioneira que quebrou tabus” (Fonseca, 1991); 5) matéria publicada pelo site *O Guia dos Curiosos* em 18 de maio de 2015, com entrevistas de Claudete Troiano, Germana Garilli e Jurema Lara: “Projeto sobre futebol feminino dá destaque para as pioneiras da Rádio Mulher” (Duarte, 2015); 6) entrevista concedida por Zuleide Ranieri à *Radioamantes no Ar* em novembro de 2015 (Brocanelli, 2015); 7) entrevista concedida por Germana Garilli em matéria audiovisual publicada em 2017 na página do Campeonato Paulista de Futebol no *YouTube* (Federação Paulista de Futebol, 2017); 8) texto publicado no blog *UOL Esporte Vê TV* sob o título “Claudete relembra vida no futebol e ‘empurrão’ para Renata Fan na Record” (Torralba, 2017); 9) programa de Natália Lara sobre Zuleide Ranieri, em que constam recortes de jornais da época, e entrevistas com Claudete Troiano e com o filho da narradora, Paulo Ranieri, de 2020 (Lara, 2020); 10) entrevista concedida por Claudete Troiano ao programa *Luciana By Night* em 2020 (RedeTV, 2020); 11) reportagem da *BBC News Brasil* sobre a Rádio Mulher, com falas de Claudete Troiano (Lopes, 2023). Também foram considerados trechos de duas matérias da *Folha de São Paulo* – “Uma vida de muitas esperas” (Landini, 1972) e “O radio neste ano” (Silva, 1973).

O esforço inicial da pesquisa se ateuve à descrição de elementos que contribuem para o detalhamento do registro histórico sobre a emissora e as suas jornadas esportivas em que atuavam somente mulheres. Para a análise, buscou-se a identificação de como as profissionais da equipe esportiva da *Rádio Mulher*, na década de 1970, percebiam a realidade que vivenciaram como pioneiras do radiojornalismo esportivo brasileiro em transmissões de competições de futebol. Além disso, atentou-se para a ocorrência de elementos que contribuam para a ampliação do conhecimento a respeito das transmissões esportivas realizadas exclusivamente com profissionais mulheres, assim como de suas práticas, técnicas e vivências, com destaque para afirmações relativas às questões de gênero (Scott, 2019).

As primeiras matérias noticiosas encontradas durante a pesquisa, do jornal *Folha de São Paulo* e da revista *Placar*, publicadas, respectivamente em julho e outubro de 1971, acionam sentidos de feminilidade para falar sobre a possibilidade das transmissões de jogos de futebol com uma equipe exclusivamente feminina – como referências ao “colorido das saias femininas” e à maciez da voz. “A equipe esportiva da Rádio Mulher nasceu anteontem, dia 2 [de julho]. Cinco jovens, de 19 a 23 anos, prontas para iniciar uma nova experiência no rádio esportivo brasileiro”, anuncia Nelio Lima (1971), que indica a publicitária Helena Marques como chefe da equipe de mulheres que faria as transmissões de futebol e “futuramente também turfe” – a equipe seria composta, naquele momento, por cinco mulheres, mas somente Helena e a também publicitária Gilda Godói são nomeadas no texto.

Lima (1971) relata que os primeiros problemas seriam ligados aos fatos de que não se permitia a entrada de mulheres na área de imprensa do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembu, onde elas teriam de estar para as transmissões, e de que a Associação dos Cronistas Esportivos de São Paulo (Aceesp) não admitia mulheres em seu quadro de associados. Ele ainda apresenta – acionando a ideia de objetividade/imparcialidade a partir da estratégia de ouvir lados contraditórios (Sponholz, 2009) – uma opinião jocosa de um radialista a respeito da ideia.

Em um depoimento apresentado pelo repórter na matéria, Helena busca justificar a criação da equipe reforçando que há pretensa intenção de realizar trabalho sério e inovador, em busca de um tom mais sereno para os comentários sobre os jogos. Ela informa, também, sobre a proposta de intercalar os períodos das partidas com músicas e reforça o público feminino como alvo. “Nosso objetivo é justamente evitar monotonia. Sabemos, por experiência própria, que uma das causas da falta de interesse da mulher pelas transmissões esportivas é justamente a monotonia”, argumenta Helena (Lima, 1971, p. 16).

Na revista *Placar* de 1971 (Franco, 1971), as mulheres da equipe esportiva são identificadas apenas por um nome: a locutora indicada pelo apelido Baby, a repórter Germana [Garilli], e a comentarista [Jurema] Iara. Há, ainda, o tom jocoso na indicação de que uma delas foi entrevistada por um repórter de uma rádio mineira durante jogo entre São Paulo e Inter, porque os ouvintes de Belo Horizonte não acreditavam na transmissão por mulheres. Em declaração transcrita na notícia, Baby precisa defender

que o que elas queriam é apenas ser[em] “tratadas como profissionais” e “respeitadas como tal” (Franco, 1971, p. 18). O repórter também destaca que, mesmo as transmissões já tendo sido iniciadas, ainda havia impasse com a Aceesp, que não tinha entregado credenciais de imprensa às mulheres, o que atrapalhava principalmente o trabalho da repórter de campo.

Ainda na década de 1970, verifica-se, pelo menos, dois registros indiretos sobre as transmissões esportivas feitas pela *Rádio Mulher* a partir da busca nos acervos de *O Estado de São Paulo* e da *Folha de São Paulo*. Em um, há a indicação de que algumas esposas de jogadores tinham ciúmes das repórteres da emissora que trabalhavam com a cobertura de futebol (Landini, 1972). Em outro (Silva, 1973), a experiência da emissora não é diretamente citada, mas é possível distinguir uma crítica geral do autor de artigo opinativo sobre rádios em que há programação sobre futebol:

Outras coisas que marcaram neste ano [...]: a programação esportiva da hora do almoço da Rádio Gazeta, comandada por Milton Peruzzi. Não adianta os chamados órgãos de pesquisa tentarem ignorar. É dela a maior audiência masculina daquele horário porque ela fala o idioma de quem gosta de futebol (Silva, 1973, p. 44).

Walter Silva (1973) ainda menciona modificações que geravam expectativa de que a *Rádio Mulher* melhorasse, pela atuação de um novo profissional, Walter Guerreiro, mas sem se referir às transmissões esportivas. As transmissões de futebol da Rádio Mulher teriam se encerrado em 1975, de acordo com Débora Ribeiro (1986), mas a saída das mulheres se deu antes. Em matéria posterior, da revista *Placar*, na década de 1980, Jurema Iara lembra que a equipe perdeu a credibilidade porque havia mulheres que entravam nos vestiários para “paquerar” os jogadores dizendo-se da rádio (Ribeiro, 1986).

Quando a repórter da revista *Placar* reporta a história da equipe feminina, por meio de entrevistas com algumas das profissionais que atuaram nela, opta por destacar histórias que se relacionam à ideia de respeito e ao machismo de jogadores conhecidos, como Pelé, no primeiro caso, e Leão, no segundo. Há referências ao pitoresco, como o bordão sobre palavrões, a citação das “belas pernas” do próprio Leão, que teria virado um “gatinho” para pedir para ser entrevistado após ser ignorado pela equipe por ter sido machista. O tom da matéria é de descontração, o que desconsidera o profissionalismo da atividade.

Além disso, Ribeiro (1986) destaca que elas tiveram dificuldade em encontrar mais mulheres para trabalhar nas transmissões e informa em que área profissional atuavam, naquele momento, as quatro mulheres citadas – Germana Garili, Jurema Yara, Claudete Troyano e Leilah Silveira (os nomes aparecem escritos dessa forma na reportagem analisada) – sem detalhar sobre a não permanência delas na imprensa esportiva.

Além da falta de oportunidades na área, ainda atualmente, conforme análise de Rebeka Meirelles (2022), é comum que as mulheres optem por não permanecerem atuando no jornalismo esportivo por não estarem dispostas a enfrentar todos os desafios de um ambiente que permanece masculino. Leonardo Pacheco e Silvio Silva

(2020) consideram que, para conseguirem continuar nesse mercado, é comum que as jornalistas silenciem-se e naturalizem constrangimentos e comportamentos machistas de colegas, dirigentes, técnicos, jogadores, torcedores etc.

Quando não o fazem, é recorrente que troquem de área de atuação profissional, como foi o caso das profissionais do jornalismo esportivo da *Rádio Mulher*. Nesse contexto, muitas delas são esquecidas, como em algumas situações, Zuleide Ranieri, por exemplo. Assim como no texto de Débora Ribeiro (1986), a referência a Zuleide Ranieri como pioneira a narrar um jogo de futebol em transmissão de rádio no Brasil não aparece em reportagem de Rosa Fonseca (1991).

Em matéria correlata à reportagem sobre a inserção de mulheres em programas da cobertura esportiva (Fonseca, 1991), que apresenta enfoque sobre a estética feminina e o assédio de jogadores, a repórter refere-se a Claudete Troiano como pioneira, escreve sobre a invasão dos campos de futebol pelo “microfone cor-de-rosa da equipe de esportes da extinta Rádio Mulher” (Fonseca, 1991, p. 6), o alvoroço da torcida quando as via em campo, o preconceito de colegas jornalistas que riram da profissional quando ela disse que entrevistaria Pelé e apresenta algumas estratégias citadas por Troiano para atuar na cobertura de jogos de futebol. De acordo com Fonseca (1991), a jornalista treinava a voz por muitas horas seguidas, assistindo torneios de divisões inferiores e narrando jogos de botão do irmão, e fazia amizade com as esposas dos jogadores para suprir o hiato de informação devido à ausência nos vestiários, onde os atletas eram entrevistados.

Em entrevista concedida a Marcelo Duarte (2015), Troiano afirmou que a principal dificuldade era a relação com os cronistas esportivos, que “tinham muito ciúme”. Aqueles que eram educados com elas são chamados de “cavalheiros” por Garilli. Ela e Troiano também relataram, em depoimentos transcritos pelo jornalista, que para além da conduta sempre citada de que os jogadores as “paqueravam”, também havia a aproximação para que elas os ajudassem a escrever cartas românticas, a fazer escolhas estéticas e frequentar salão de beleza. Nesse material, ainda há referência a um microfone rosa que Germana Garilli utilizava à época.

A repórter informou a Duarte (2015) que a equipe fez cursos de futebol e que as profissionais se esforçavam para não cometerem nenhum erro, por serem muito cobradas. Uma frase de Jurema Iara, que Zuleide Ranieri (Brocanelli, 2015) identifica como capitã da equipe à época, indica que havia uma cobrança para que justificasse alguns de seus comentários: “Quando eu falei que o Rivellino era o canelinho de vidro, porque nunca o vi entrar numa dividida, o Roberto Montoro ficou horrorizado, mas quando eu expliquei e ele entendeu, me deu forças”, reproduz Duarte (2015).

A matéria se encerra com depoimento de Claudete Troiano, que afirma que não tinha consciência da importância do que faziam na *Rádio Mulher* à época e conta que disse a Renata Fan, apresentadora de programa esportivo na *Rede Bandeirantes de Televisão*, para que não ficasse de enfeite, “não ser usada como objeto de decoração do estúdio”, reconhecendo que a colega se tornou uma das melhores no jornalismo esportivo.

Em matéria de Karla Torralba (2017), ela reforça que se incomodava com a presença de mulheres nos programas esportivos só como uma figura bonita, sendo que tinham capacidade para mais. Em depoimento para Lopes (2023), ela acrescenta que “existia machismo naquela época. Até hoje existe. Durante muito tempo, depois do nosso trabalho que durou cerca de cinco anos, a mulher ainda era utilizada apenas como decoração nos programas esportivos de televisão, imagina naquele tempo”.

Em entrevista em áudio, publicada no *YouTube* em 2015 (Brocanelli, 2015), Zuleide Ranieri também ressalta a atuação de Renata Fan, indicando que ela poderia ser uma boa narradora em transmissões, mas, ao mesmo tempo, desmerece uma experiência que tinha sido recente, em que Renata Silveira foi selecionada para a função a partir de um concurso (Ferro, 2021). “Eu lembro dessa experiência da Rádio Globo do Rio, mas eu acho, eu cheguei a ouvir a gravação dela de narração, mas com todo respeito que eu tenho, porque nem conheço, mas achei como narradora fraca, principalmente a Rede Globo de Televisão e Rádio é muito exigente”, avaliou Ranieri, sem considerar o longo período sem nenhuma referência na narração nem indicar os critérios de sua opinião.

Ao contrário do que outros materiais analisados indicam, nessa entrevista, a ex-narradora afirma que, na sua época, havia “um respeito absoluto” (Cardoso, 2017) e que a equipe não teve muitos problemas com colegas de trabalho de outros veículos, apesar de demonstrarem desconfiança: “será que vai vingar?”. Depois, ela se refere a situações de preconceito sofrido por ela e pelas colegas de emissora, citando a entrevista de Troiano com Pelé. A repórter contou a ela posteriormente que alguns colegas a repudiaram depois desse momento ou passavam a ignorá-la quando ela conseguia alguma entrevista específica pela qual os outros repórteres buscavam.

Troiano também relata que havia colegas que ficavam desconfiados e passavam informações erradas para comprometê-las (RedeTV, 2020; Lopes, 2023). Internamente, entre as integrantes da equipe da *Rádio Mulher*, a apresentadora afirma que não existia clima ruim de trabalho. “Já era tão difícil entrar em um campo totalmente ocupado por homens em todos sentidos – por críticos, jogadores, torcedores –, então entre nós foi sempre tudo muito bem”, afirmou para Naian Lopes (2023).

Ranieri explica que, quando passou a integrar a equipe esportiva, a rádio já estava estabelecida e a ideia das transmissões por mulheres em andamento. Todavia, ainda não foi possível identificar por esta pesquisa se houve alguma narradora antes dela na emissora. Para a prática, ela conta que a sua referência de narração era Fiori Gigliotti, enquanto diz que Claudete Troiano se assemelhava mais ao estilo de Osmar Santos. Em entrevista à *RedeTV* (2020), Troiano salienta que a narração que elas faziam era “em ritmo como de homem, não teve uma coisa diferente por ser uma equipe feminina”.

Zuleide Ranieri identifica como natural o estranhamento das pessoas à época, considerando que outras mulheres ainda não tinham desempenhado as funções em que elas atuavam. E lembra de duas reações diferentes de torcedores: ao mesmo tempo que elas recebiam muitas cartas, também ouviam no estádio; “quando vibrava muito com um gol de qualquer de um dos dois times sempre escutava aquele gritinho de ‘vai para casa’, ‘vai para cozinha’, ‘vai fazer comida’”, afirma Ranieri em entrevista a Rodney

Brocanelli (2015) e também para Lenize Cardoso (2017). Ela enfatiza que foi quem criou o bordão da transmissão, sobre a presença de mulheres no estádio significar menos palavrões ditos durante as partidas.

A narradora acredita que o fato de escolherem, ao invés de melhor jogador em campo, o mais elegante, o mais educado ou o que tinha olhos mais bonitos chamava audiência, mesmo considerando que as transmissões contavam com mais ouvintes homens do que mulheres. O entrevistador concorda afirmando que “com certeza, um projeto como esse chamava atenção do público mesmo” (Brocanelli, 2015). Esse reforço do respaldo dos homens à cobertura esportiva da *Rádio Mulher* também está presente na matéria da revista Placar de 1986 (Ribeiro, 1986), em que Germana Garilli faz questão de reforçar que havia ouvintes homens das transmissões, citando motoristas de táxi que as abordavam.

Ao mesmo tempo, para Lopes (2023), Claudete Troiano descreve que havia um espanto da torcida, por não estar acostumada a ver mulheres dentro de campo até a chegada da equipe da *Rádio Mulher*. A apresentadora conta que, à época, só tinha uma fotógrafa, já de “idade avançada”, do jornal *O Estado de São Paulo* atuando em campo no jornalismo esportivo além delas (Lopes, 2023).

Mesmo assim, é recorrente no que elas dizem, com base nos materiais analisados, a falta de percepção anterior sobre a relevância de serem as primeiras mulheres a ocuparem muitos espaços antes exclusivamente masculinos. Em outro vídeo disponível no *YouTube* (Federação Paulista de Futebol, 2017), Germana Garilli reforça que ela e as colegas da equipe esportiva da *Rádio Mulher* não tinham consciência de que estavam abrindo um campo profissional para as mulheres. Trata-se de algo que Claudete Troiano confirma em dois momentos (Duarte, 2015; RedeTV, 2020).

Garilli também explica algumas das suas estratégias como repórter: lembra de fazer pesquisas sobre futebol em jornais e relata estratégia de falar de assuntos mais leves no início das entrevistas com os jogadores para abrir espaço para as questões sobre o jogo em si na sequência (Federação Paulista de Futebol, 2017). Em entrevista para Joyce Santos (2019), Garilli também relata que não fazia perguntas no intervalo, reforça muito o respeito como referência da sua relação em campo na cobertura para as transmissões e detalha como reagiu quando o empresário de Pelé pediu que os colegas evitassem palavrões por causa dela:

Ela relata que o empresário do Pelé: “sempre falava para turma dos repórteres para moderarem a voz e o palavreado porque tinha uma colega mulher. Por isso, mesmo dentro dos repórteres eu nunca sofri nada. Pelo contrário, a gente até brincava”. No entanto, “eu liberei, eu falei para o empresário do Pelé: o sapo de fora sou eu, estou no ambiente de trabalho de vocês, vou fazer parte, fique à vontade, não vai me ferir nenhum palavreado, não dirigido a mim, mas entre a turma” (Santos, 2019, p. 21).

Essa percepção de “sapo de fora” aparece de forma implícita em outras declarações das profissionais. Cardoso (2017) analisa que, para as mulheres da década de

1970, ingressar no jornalismo esportivo já era uma oportunidade que as extasiava, o que pode interferir na problematização de situações machistas. Natália Lara (2020) apresenta recortes de jornais da época que versam sobre: o aumento da audiência – em um deles, há declaração de Ranieri sobre alta concorrência de anunciantes para as transmissões –; o estímulo à presença de mulheres no estádio – o que também se refletiu na prática do futebol feminino, segundo Santos (2019) –; em paralelo à curiosidade dos ouvintes tradicionais de rádio esportivo; e a referência a um “futebol mais humano”. Há um deles, da época em que Luciana Mariano começou a narrar na televisão, na década de 1990, que tem na legenda de uma foto, em que estão Ranieri e Mariano, o estado civil de ambas.

Invisibilidade e desconfiança

O detalhamento descritivo dos registros se faz necessário em decorrência da ausência de pesquisas que abordem a história da *Rádio Mulher*, como um todo e na especificidade das transmissões de jogos de futebol na década de 1970. O interesse limitado da área acadêmica pela existência da emissora reforça a ideia de um cenário de memoricídio, que, como explica Constância Duarte (2022, p. 16), designa “o processo de opressão e negação” da participação das mulheres ao longo da história. Assim, são relegados às pioneiras, e sobre elas, o silêncio e a invisibilidade, que se perpetuam (Duarte, 2022).

Por isso, entre os resultados aqui apresentados, destaca-se a identificação do quadro majoritariamente feminino da rádio, em boa parte de sua existência sob essa nomenclatura – o que tem indicação numérica em matéria de jornal. Com base nisso, entende-se a importância de dar continuidade à pesquisa, ampliando-a com entrevistas e pela perspectiva da história oral para aprofundar a discussão sobre a dificuldade de manter as mulheres nas diferentes funções do rádio à época, compreendendo o contexto social do momento histórico analisado, tanto em decorrência deste como por causa da pressão de índices de audiência e da crítica especializada.

A respeito das vivências e práticas das profissionais que atuaram nas coberturas de jogos de futebol pela *Rádio Mulher*, os textos refletem como o contexto social teve influência na experiência profissional dessas mulheres. A década de 1970, como explica Cristina Bruschini (1994), é quando se inicia o crescimento da participação feminina no mercado de trabalho no Brasil, mas numa perspectiva mais restrita de guetos ocupacionais. As áreas do jornalismo e do esporte eram das ainda fechadas para mulheres (Bueno, 2018), considerando que, até 1979, o futebol e outras modalidades vistas como impróprias para elas tinham sua prática proibida para mulheres brasileiras, por decreto oficial (Bonfim, 2019). Mesmo hoje, conforme Guedes (2020), o número de mulheres exercendo profissões como árbitras, comentaristas, narradoras, técnicas é muito inferior ao de homens.

Todavia, o estranhamento à presença delas e a desconfiança que pode ser percebida em muitas das declarações aqui indicadas eram ainda maiores à época. O que

ocorria tanto pelo ineditismo daquela atividade feminina, mas principalmente pelo contexto social em que as mulheres eram relacionadas a uma ideia de exclusividade ao âmbito doméstico e às responsabilidades familiares, apesar das transformações de comportamento que estavam em curso (Bruschini, 1994).

Os traços da cultura patriarcal da sociedade (Meirelles, 2022), presentes ainda atualmente, mas que tinham ainda maior ênfase na década de 1970, aparecem nos dizeres das profissionais do jornalismo esportivo da *Rádio Mulher*, demarcando o pretenso não pertencimento delas ao espaço profissional do rádio e ao ambiente do futebol. Eles estão na resistência que as jornalistas percebiam em seus pares, nos constrangimentos durante a atividade profissional, na cobrança excessiva em relação às práticas adotadas e na necessidade de desenvolverem estratégias específicas para suprir a ausência de informação por não poderem estar em todos os ambientes em que a crônica esportiva atuava à época.

Entre essas marcas, também está o tom jocoso adotado por repórteres nas matérias jornalísticas que tiveram as transmissões esportivas da *Rádio Mulher* como pauta, na década de 1970 e mesmo alguns anos depois. Coberturas que refletem uma ideia de construção hierárquica da relação entre o feminino e o masculino, como discute Scott (2019), nessa área como na sociedade em geral. Ainda assim, por estarem inseridas naquele contexto, também como sujeitos sociais, as falas das profissionais aqui consideradas indicam a pouca percepção do caráter pioneiro da iniciativa à época, apesar de o incômodo a respeito de como eram recebidas e de como depois passaram a conceber a inserção figurativa de mulheres no jornalismo esportivo.

Considerações

A experiência de transmissões esportivas da *Rádio Mulher* é pioneira, assim como a emissora foi em ter o público feminino como alvo. Como reforçam Juliana Betti e Valci Zuculoto (2021), ainda se sabe pouco sobre como se deu a participação de mulheres no desenvolvimento do rádio brasileiro. Recuperar registros sobre a contribuição de mulheres para a relevância e a inovação nesse meio é imprescindível para reduzir o apagamento histórico, o que é mais perceptível em áreas que mesmo hoje são majoritariamente masculinas, como a cobertura esportiva e principalmente o futebol.

Na reportagem da *BBC*, Lopes (2023) destaca, por exemplo, que a inserção de uma pessoa para atuar como comentarista de arbitragem na transmissão radiofônica de futebol foi uma inovação da *Rádio Mulher*, com a atuação pioneira (entre homens e mulheres) de Lea Campos, primeira mulher a atuar profissionalmente como juíza de futebol no mundo (Campos, 2021). "A ideia de colocar uma ex-árbitra para analisar os lances polêmicos acabou sendo vista como revolucionária. A *TV Globo*, por exemplo, só tomou uma iniciativa semelhante em 1989, com Arnaldo Cezar Coelho" (Lopes, 2023).

A partir desta pesquisa inicial, já é possível perceber que, à época, as transmissões esportivas por mulheres eram marcadas pela convivência constante com o machismo institucionalizado, por exemplo, indicam os relatos da impossibilidade de

estar em estádios e nos vestiários, onde eram realizadas entrevistas com jogadores de futebol. Também é identificável a ocorrência de formas veladas do preconceito, que está, inclusive, no bordão reforçado a cada conteúdo a respeito da *Rádio Mulher*: “uma mulher a mais no estádio, um palavrão a menos”, como nas declarações que envolvem o estranhamento dos pares e o tratamento de jogadores, que vai do ríspido a um “respeito” que teria sido conquistado por elas, não existente sem essa condição.

Além disso, também há a percepção de como o posicionamento sobre outras mulheres atuantes no jornalismo esportivo, posteriormente, pode ser variado e, em alguns casos, carregado por marcas estruturais do preconceito de gênero. Em observação inicial, por meio da pesquisa exposta neste artigo, confirma-se o pioneirismo da *Rádio Mulher* e a necessidade de ampliar o conhecimento sobre as transmissões e as mulheres que trabalhavam na cobertura esportiva. A descrição analítica da constituição histórica da emissora e da equipe que fazia as coberturas de jogos de futebol aqui estabelecida é um primeiro passo na busca por sanar a incipiência de conteúdos e discussões acadêmicas a respeito.

Referências

A COMUNICAÇÃO do ângulo feminino. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 35, 21 out. 1975.

ARAÚJO, Érika Alfaro de. **Mulher e futebol: a cobertura e a transmissão da televisão aberta brasileira da Copa do Mundo 2019**. 2021. 287 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho, Bauru, 2021.

BASTOS, Maurício. **#8m O ano era 1970. Por iniciativa do publicitário e empresário Roberto Montoro, foi inaugurada em São Paulo a Rádio Mulher, primeira emissora dedicada exclusivamente ao público feminino**. 8 mar. 2020. Instagram: @mauricio-bastosradio. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9d5Vj0JOr6/?igshid=13vl1xk65bi11>. Acesso em: 6 dez. 2023.

BELARMINO, Josué Dantas; MEDEIROS, Julia Maria Alves de. Do campo à narração esportiva: o espaço das mulheres no futebol brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GESTÃO DO ESPORTE, 9., 2018, Fortaleza. **Anais** [...]. Fortaleza: Abragesp, 2018. p. 150-151.

BETTI, Juliana Gobbi; ZUCULOTO, Valci. A história (das mulheres) do rádio no Brasil – uma proposta de revisão do relato histórico. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 13., 2021, Remoto. **Anais** [...]. Juiz de Fora: Alcar, 2021. p. 1-12.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. 2019. 213 f. Dissertação (Mestrado em História Política e Bens Culturais) – Escola de Ciências Sociais, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BROCANELLI, Rodney. Radioamantes no Ar relembra a equipe esportiva da Rádio Mulher formada só por mulheres em um papo com Zuleide Ranieri. **Blog Radioamantes**. São Paulo, 16 nov. 2015. Disponível em: <https://radioamantes.com/2015/11/16/radioamantes-no-ar-relembra-a-equipe-esportiva-da-radio-mulher-formada-so-por-mulheres-em-um-papo-com-zuleide-ranieri/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

BRUNO, José Carlos. **Santo Amaro sempre na vanguarda - a Rádio Mulher uma estação radiodifusora criada para o público feminino**. São Paulo, 17 dez. 2021. Facebook: @Cetrasa.Oficial. Disponível em: <https://www.facebook.com/jcbruno1970/posts/1005061280110549/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

BRUSCHINI, Cristina. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, [S. l.], n. 2, p. 179-199, 1994. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16102>. Acesso em: 2 abr. 2024.

BUENO, Noemi Corrêa. **A (in)visibilidade das mulheres em programas esportivos de TV: um estudo de casos no Brasil e em Portugal**. 2018. 408 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2018.

CAMPOS, Lea. Mulheres no apito. Somente os que lutam triunfam – a surpreendente história de luta de Lea Campos por ela mesma. In: SILVA, Leandro de Lima e (Org.). **A carreira do árbitro de Futebol: pilares e inovações**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021.

CARDOSO, Lenize Villaça. Mulheres jornalistas no mercado de trabalho: a luta pela igualdade de gênero ainda não acabou. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORAS EM JORNALISMO, 15., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: SBPJor, 2017. p. 1-14.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULX, Lionel-H; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 295-316.

CENTRO DE REFERÊNCIA DO FUTEBOL BRASILEIRO (São Paulo). **Rádio Mulher**. 2020. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/instituicoes/626331/>. Acesso em: 6 mai. 2024.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

DUARTE, Constância Lima. Apresentação. Na contramão do memoricídio. In: DUARTE, Constância Lima (Org.). **Memorial do memoricídio: escritoras esquecidas pela história**. Vol. 1. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022. Livro eletrônico.

DUARTE, Marcelo. Projeto sobre futebol feminino dá destaque para as pioneiras da Rádio Mulher. **O Guia dos Curiosos**, 18 mai. 2015. Disponível em: <https://www.guiadoscuriosos.com.br/esportes/projeto-sobre-futebol-feminino-da-destaque-para-as-pioneiras-da-radio-mulher/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

FEDERAÇÃO PAULISTA DE FUTEBOL. **A vanguardista do jornalismo esportivo**. 21 nov. 2017. YouTube: @paulistao. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p9pyLwBgZe8>. Acesso em: 6 dez. 2023.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. Narradoras em transmissões esportivas no Brasil: mapeamento histórico da presença feminina na narração em veículos de rádio, televisão e internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Recife. **Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2021. p. 1-15. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-hj/raphaela-xavier-de-oliveira-ferro.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2024.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira. O sujeito autorizado no jornalismo esportivo sobre futebol. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL, 4., 2022, São Paulo. **Anais eletrônicos[...]** São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro, 2022. p. 1-16. Disponível em: <https://museudofutebol.org.br/crfb/acervo/776711/>. Acesso em: 6 mai. 2024.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Narração do futebol por mulheres no rádio brasileiro: registros históricos de transmissões entre a década de 1970 e o início dos anos 2000. **Radiofonias - Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 01, p. 105-133, jan./jul. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/6832/5375>. Acesso em: 30 jan. 2024.

FONSECA, Rosa. Claudete, uma pioneira que quebrou tabus. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 6, 28 nov. 1991.

FRANCO, Ricardo. Para quem quer gols numa voz macia: Rádio Mulher. **Revista Placar**, São Paulo, p. 18, 29 out. 1971.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. **A narração de futebol no contexto de rádio expandido**. 2022. 266 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.

GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. A narração esportiva no rádio do Brasil: uma proposta de periodização histórica. **Âncora - Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, v. 7, n. 1, p. 66-86, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/53822>. Acesso em: 6 dez. 2023.

GUEDES, Simoni Lahud. Prefácio. In: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria; PISANI, Mariane da Silva (Orgs.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020. p. 15-19.

GUERRA, Márcio de Oliveira. **Rádio X TV: o jogo da narração**. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. 2006. 246 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

LANDINI, Dinaura. Uma vida de muitas esperas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 24, 22 dez. 1972.

LARA, Natália. Zuleide Ranieri: **A primeira narradora esportiva do Brasil** – A história. 21 set. 2020. YouTube: @NataliaLara. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2uoH4SCWZJ8>. Acesso em: 6 dez. 2023.

LIMA, Nelio. As mulheres em campo, transmitindo o jogo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 16, 4 jul. 1971.

LIMA, Taiane Anhanha. Rádio Mulher: a voz do protagonismo feminino no futebol. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL, 4., 2022, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Centro de Referência do Futebol Brasileiro, 2022. p. 1-21.

LOPES, Naian. Rádio Mulher: o veículo que enfrentou o machismo nos anos 1970 e acabou perdendo. **BBC News Brasil**. 11 jun. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cx8pj2x039no>. Acesso em: 22 jan. 2024.

MATTOS, Ediane Teles de. **A trajetória das profissionais mulheres no radiojornalismo esportivo em Santa Catarina**. 2019. 145 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MATTOS, Ediane Teles de; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. A constituição histórica da presença da mulher no radiojornalismo esportivo brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40., 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Intercom, 2017. p. 1-13.

MEIRELLES, Rebeka Vaz da Costa. **Sexismo no jornalismo esportivo: como as mulheres jornalistas vivenciam e lidam com a cultura patriarcal organizacional do esporte**. 2022. 158 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói (RJ), 2022.

MICHELETTI, Marcos Júnior. Zuleide Ranieri. Primeira mulher a narrar futebol no Brasil. **3º Tempo - UOL**, São Paulo, [2017?]. Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/zuleide-ranieri>. Acesso em: 6 dez. 2023

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2017. p. 269-279.

NUNES, Geraldo. Transmissão da final do futebol feminino fez lembrar o pioneirismo da Rádio Mulher. **Blog do Geraldo Nunes**. São Paulo, 27 set. 2021. Disponível em: <https://blogdogeraldonunes.blogspot.com/2021/09/transmissao-da-final-do-futebol.html?s-pref=tw>. Acesso em: 6 dez. 2023.

O ESTADO DE SÃO PAULO. Anúncio, São Paulo, p. 41, 11 maio 1969.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio:** os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PACHECO, Leonardo Turchi; SILVA, Silvio Ricardo. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 3, p. 1-14, dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/YWnfSyZZcTZCbZs3bkvZSPQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 6 dez. 2023.

RÁDIO Nacional vai demitir 250. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, p. 18, 24 abr. 1974.

RECADO. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 8, 30 out. 1973.

REDETV. **Claudete Troiano treinava narração de jogos com futebol de botão**. 6 out. 2020. YouTube: @redetv. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UvCI-4qavxEg&t=91s>. Acesso em: 6 dez. 2023.

RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo:** história da imprensa esportiva no Brasil. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, Débora. Onde anda: A voz das mulheres deixou os estádios. **Revista Placar**, São Paulo, p. 80, 17 nov. 1986.

ROCHA, Paula Melani; SOUSA, Jorge Pedro. O mercado de trabalho feminino em jornalismo: análise comparativa entre Portugal e Brasil. Impulso – **Revista de Ciências Sociais e Humanas**, Piracicaba (SP), v. 21, n. 51, p. 7-18, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/434/545>. Acesso em: 6 dez. 2023.

SANTOS, Joyce Alves dos. **Vivências de mulheres no futebol brasileiro entre as décadas de 1960 a 1990**. 2019. 55 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos (SP), 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista:** conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 48-80.

SILVA, Walter. O radio neste ano. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. 44, 18 dez. 1973.

SOUZA, Maria Thereza Oliveira; CAPRARO, André Mendes. Mulheres no jornalismo futebolístico: em busca de representatividade e respeito. In: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria; PISANI, Mariane da Silva (Orgs.). **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020. p. 170-187.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade:** além do espelho e das construções. Florianópolis: Insular, 2009.

TORRALBA, Karla. Claudete relembra vida no futebol e “empurrão” para Renata Fan na Record. **UOL Esporte**. São Paulo, 17 nov. 2017. Disponível em: <https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2017/11/17/claude-relembra-vida-no-futebol-e-empurrao-para-renata-fan-na-record/>. Acesso em: 6 dez. 2023.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer; MATTOS, Ediane Teles de. As mulheres no radiojornalismo esportivo: contextualizações para pesquisa histórica sobre sua presença profissional em Santa Catarina. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 11., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Alcar, 2017. p. 1-15.

Recebido em: 22 jan. 2024
Aprovado em: 18 mar. 2024